

A IGREJA QUE QUEREMOS SER

1. INTRODUÇÃO

1. *Uma Igreja respondendo aos novos desafios*. São Paulo, Paulinas, 1992. O presente trabalho é uma palestra feita por ocasião da revisão e aplicação no Plano de Ação da Arquidiocese.

A Arquidiocese de Campinas elaborou um documento final de Revisão Ampla (abreviado RA) da sua ação.¹ Por ocasião de sua discussão final pediu à Coordenação de Pastoral que se fizessem algumas reflexões sobre a *Igreja* que possivelmente poderiam ajudar no esclarecimento de seus trabalhos. O objetivo deste trabalho é dar elementos e subsídios teológicos para uma compreensão da Igreja fornecendo ou apontando alguns elementos eclesiológicos capitais do processo de revisão efetuado de 1989 a 1991.

Nesse nosso esforço de “ser Igreja” hoje demos destaque a cinco realidades que influenciaram nossa tarefa de ver a realidade: a modernidade, o individualismo, o fanatismo, as lideranças e o pobre. Poderiam ser enumerados muitos tópicos mas o capítulo primeiro do documento assinala esses cinco.

1.1. A modernidade

O documento de Santo Domingo caracteriza a modernidade pela centralização do homem, a absolutização da razão e o privilégio da ordem temporal.² Após a “primeira onda” de desenvolvimento da humanidade, baseada no trabalho agrário, veio a “segunda onda”, baseada no trabalho industrial, e agora vivemos a “terceira onda”, baseada no trabalho do conhecimento técnico, o conhecimento substituindo a terra, a mão de obra, o capital e outros meios econômicos tradicionais.³ A lógica da economia invade tudo, transformando homens e coisas em mercadorias, a sociedade moderna tem como eixo o econômico e o mercado, a busca do bem estar (consumo) e do sucesso (status).

Mas o que interessa aqui, para nossa reflexão é o pluralismo como característica dessa realidade a que chamamos mo-

2. CELAM, *Nova Evangelização, promoção humana, cultura cristã*. Documento final — Santo Domingo. São Paulo, Paulinas, 1992, nº 252.

3. A. Toffler, *A terceira onda*. Rio de Janeiro, Record, 1989.

deriedade. Pluralismo com a multiplicidade de visões da realidade. O pluralismo é uma situação na qual há concorrência entre os diversos universos simbólicos ou significações da realidade.⁴ A Igreja é apenas uma instituição religiosa ao lado de outras muitas, e ainda concorrendo com outras instituições de **sentido ou cunho não religioso**.

Faz notar o P. Comblin que durante cento e cinquenta anos a teologia católica negou o problema da modernidade,⁵ mas, em poucas palavras, se pode dizer que a modernidade é que sucedeu à catolicidade ou cristanidade.⁶ Enfim, como diz o documento de Santo Domingo, a modernidade aponta sérios desafios: ruptura entre fé e razão, o vazio ético, a nova cultura urbana, a ausência da Igreja nos meios de comunicação, etc...

1.2. O individualismo

O individualismo pode ser o traço mais forte da cultura moderna, a utilidade toma o lugar do dever. O personalismo cristão não conseguiu se impor e o individualismo coloca o indivíduo no centro de tudo. O individualismo rejeita a idéia de comunhão. A tendência entre os que crêem é esquecerem-se que *a vida eterna é pessoal mas não individual*.⁷ Passou-se de um antropocentrismo para um *individualismo*, e, assim, *o primeiro mundo acabou perdendo o sentido de comunidade*.⁸

Este ponto é de interesse significativo para nossa reflexão, pois perdida a idéia de comunidade, conseqüentemente perde-se o sentido de Igreja e a RA nota que, cada vez mais, *...os indivíduos, livres da tutela religiosa, tendem a fazer da religião assunto de escolha individual, separando o domínio público do privado*.⁹ Até mesmo na teologia, há tendência de se negar o princípio eclesiológico de que a salvação atinge toda a família humana e deve ser recebida e vivida em comunidade. P. Comblin escreve magistralmente: *Hoje em dia, também no Terceiro Mundo, que foi ocupado pela cultura ocidental, a antiga vida comunitária está desaparecendo. O homem moderno não vive pelo outro, mas exclusivamente para si mesmo. O único valor sagrado do mundo ocidental é o egoísmo. A missão tornou-se incompreensível e a solidariedade desinteressada tornou-se uma loucura*.¹⁰ E acrescenta, muitos cristãos foram profundamente contaminados pelo valor sagrado do egoísmo, único deus da cultura atual. Desta forma, é comum ouvirmos: *"Cristo sim, Igreja não..."*

1.3. Fundamentalismo, dogmatismo, fanatismo

Enquanto vai florescendo a "religião da mercadoria"¹¹, vão surgindo novas seitas que se encarregam de suprir o mercado

4. Cf. M. A. FRANÇA, *Um homem perplexo: o cristão na sociedade*. São Paulo, Loyola, 1989, p. 10

5. Cf. J. COMBLIN, *O Espírito Santo e a libertação*. Petrópolis, Vozes, 1989, p. 35.

6. Cf. E. POULAT, *Catolicismo e modernidade, um processo de exclusão mútua*. Em CONCILIUM (1992/6), p. 22.

7. J.R. SACHS, *Ressurreição e encarnação*. Em CONCILIUM (1993/5), p. 104.

8. P. LERNOUX, *A barca de Pedro*. Nos bastidores da Igreja. São Paulo, Ática, 1992, p. 17.

9. *Documento Final*, nº 19.

10. J. COMBLIN, op. cit., p. 99.

11. "O mercado está dando origem a uma forma moderna de religião da mercadoria... o dogma fundamental da religião da mercadoria é este: o dinheiro tudo pode, move o céu e a terra." L. BOFF, *O mercado e a religião da mercadoria*. Em CONCILIUM (1992/3), p. 4 e 6.

de religiões, ao lado das antigas religiões, como o islamismo, que se caracteriza pelos “ismos” aqui assinalados.

A característica principal dos modernos fundamentalismos religiosos consiste no oposicionismo diante de qualquer ameaça. Podemos dizer que o fundamentalismo é a orientação para um valor ou idéia básica que tem de ser protegida.

Já o dogmatismo se caracteriza pela busca da segurança, em argumentos ou atitudes que são previamente elaborados em forma de doutrina clara, com normas precisas e controladas por uma autoridade forte.

O fanatismo caracteriza-se pela anormal intensidade na busca e imposição de uma única idéia ou atitude, geralmente agressiva.¹²

Também na Igreja podemos notar alguns segmentos (movimentos) e uma certa orientação difusa que poderá levar na direção destes “ismos” cheios de certezas e segurança.

12. G. HOLE, *Fundamentalismo, dogmatismo, fanatismo: perspectivas psiquiátricas*. Em CONCI-LIUM (1992/3), p. 36ss.

13. Hans KÜNG, *O que deve permanecer na Igreja*. Petrópolis, Vozes, 1976, p. 16.

14. Karl RAHNER, *Escritos de teologia v. 7*. Einsiedeln, 1966, p. 22. Cfr também L. BOFF, *Mística e política*. Em *Vida segundo o Espírito*. Petrópolis, Vozes, 1981, p. 172ss.

15. W. BÜHLMANN, *La Chiesa alle soglie del terzo milenio*. Bologna, 1991.

16. Europa 716.240.000 habitantes: católicos 287.460.000; América 734.457.000 habitantes: católicos 468.720.000. Em NOTÍCIAS, Boletim semanal da CNBB, 1994, n. 3.

17. *Documento final*, nº 59.

1.4. Lideranças

O teólogo Hans Küng apontava como a maior deficiência do tempo pós-conciliar a falta de liderança espiritual na Igreja.¹³ Não se nega a existência de pessoas representativas, mas, muitas vezes, a mediocridade e o funcionalismo parecem ser a nota predominante entre os cristãos, ao passo que se notam exemplos de pessoas com espírito altamente evangélico (Betinho, por exemplo) fora do cristianismo. A fé do católico não é mais respaldada pela sociedade, ele tem que fundamentá-la em uma forte experiência de Deus, deverá basear-se em uma experiência pessoal de Deus. É neste sentido que Karl Rahner afirma que o cristão de amanhã será um místico ou não será cristão.¹⁴ Daí a absoluta necessidade de lideranças fortes, de “homens de Deus”, capazes não só de transmitir esta experiência pessoal de Deus, mas também de introduzir outras pessoas nesta experiência. Fica claro, portanto, o valor de evangelização pessoal (de pessoa à pessoa), e da formação de grupos e pequenas comunidades de vivência evangélica.

1.5. O pobre e o outro

A Igreja está mudando de uma instituição européia para uma instituição mundial.¹⁵ Fato importante de se notar é a mudança da Igreja para os países pobres do Terceiro Mundo¹⁶ e a conseqüente emergência em seu meio dos pobres. *Hoje*, assinala a RA, com sua participação, os pobres se fazem presentes e estão, na verdade, tornando-se o novo sujeito histórico e o novo sujeito eclesial.¹⁷ Da pobreza, fruto do capitalismo como o vivemos, se

passa à miséria que exclui. Daí a necessidade de se pensar não só no pobre mas no outro, como assinala a RA.¹⁸ *A opção pelos outros é complemento à opção pelos pobres, representa uma opção missionária ad extra, uma abertura ao mundo e seu plural de culturas e credos*, no dizer de Paulo Süess.¹⁹

Com maior clareza percebe-se hoje que a miséria vai aumentando e as perspectivas se inverteram: os ricos não têm mais medo das massas famintas, mas eles exterminam os miseráveis, os que não podem participar do mercado pela exclusão e pelas armas. As cidades cada vez mais entram em colapso e vão sendo divididas por gangs e grupos de extermínio (na Baixada Fluminense atualmente morrem mais pessoas que na guerra da Bósnia). A perspectiva é de uma Igreja evangelizando em clima de apocalipse, o que, do ponto de vista bíblico, não representa nenhum alarmismo, já que o Apocalipse é o livro mais "eclesial" da Bíblia e evidencia a vitória de Cristo/Cordeiro em meio ao drama da humanidade.

2. IGREJA: ELEMENTOS TEOLÓGICOS

2.1. Mistério (Sacramento de comunhão - Povo de Deus)

Na *Lumen Gentium*, o Vaticano II define a Igreja como *Sacramento ou sinal e também instrumento da união íntima com Deus e da unidade de todo o gênero humano*.²⁰ O Sínodo Extraordinário dos Bispos (25/11/1985), seguindo os passos da *Lumen Gentium*, voltou a enfatizar o caráter de *mistério* da Igreja, salientando que a visão de mistério, quando retamente compreendido une as várias dimensões da realidade-Igreja, aquela social e histórica, com aquela espiritual e transcendente. O mistério cristão é sempre um *mistério-sacramental*, ou seja, manifestação na história do plano salvífico de Deus, o sobrenatural vem ligado e manifestado no sobrenatural corporal:

*A Igreja é mistério enquanto, com toda a sua realidade humana e divina, temporal e espiritual, se ordena ao plano de Deus sobre toda a humanidade. Por isso, ela está profundamente ligada a Cristo - mistério e sacramento fontal - e ao Espírito Santo. Ela é sinal (sacramento) do Reino já presente e, ao mesmo tempo, instrumento de sua implantação na história dos homens... É verdade que a Igreja se entende como mistério, não originário, mas derivado de outros mistérios mais fundamentais. Os padres da Igreja a entendiam como *Mysterium Lunae* que recebe a luz do *Mysterium Solis* que é Jesus Cristo.*²¹

A Igreja apresenta-se desta forma como o grande sacramento de salvação universal, derivado do sacramento fontal que é Jesus Cristo. Esta mesma salvação, centro da boa nova, é libertação do

18. *Ibidem*, nº 91.

19. P. Süess, *Introdução*. Em Paulo Süess (org.), *A conquista espiritual da América espanhola*. Petrópolis, Vozes, 1992, p. VI

20. Vaticano II, *Lumen Gentium*, 1. A missão da Igreja que recebe toda sua luz de Cristo, é anunciar e estabelecer em todas as gentes o Reino de Cristo e de Deus, e constitui ela própria na terra o germe e o início deste Reino. *Ibidem*, 5.

21. L. BOFF, *E a Igreja se fez povo*. Petrópolis, Vozes, 1986, p. 30.

22. JOÃO PAULO II, *Discurso inaugural de Puebla*, III, 2; *Instrução sobre a liberdade cristã e a libertação*, 1986, nº 63.

23. Sínodo dos Bispos (1985), *Relatio finalis*. São Paulo, Paulinas, 1985, p. 44.

que oprime o homem, sobretudo, do pecado e do maligno, esta salvação tem portanto vínculos muito fortes com a promoção humana na busca de uma libertação integral do homem.²²

O documento final do Sínodo acima citado coloca a *comunhão* como missão primordial da Igreja, o serviço da libertação que a Igreja deve prestar à humanidade é criar a comunhão com o PAI por CRISTO no ESPÍRITO, o referido documento opta por uma eclesiologia de comunhão, a partir da qual vem compreendida toda a vivência do ser Igreja.²³ De fato, a Igreja = EKKLESIA quer indicar assembléia, comunidade.

Por tudo que vem tratado acima, o capítulo II da *Lumen Gentium* que trata da Igreja como *Povo de Deus* inicia-se deixando bem claro que a salvação querida por Deus não é individual, mas comunitária, esta idéia está na base de compreensão da Igreja como *Povo*, concepção com forte base bíblica e conteúdo inovador: *aprouve a Deus salvar e santificar os homens, não individualmente, mas formando com eles um povo que o conhecesse na verdade e o servisse em santidade.*

2.2. Jesus Cristo como fundamento

É pergunta inevitável sobre do que vive a Igreja? A resposta não pode ser outra que esta: Jesus Cristo. A Igreja deve ser a comunidade narradora do projeto Jesus, um instrumento, e somente este narrar é que a impede de seguir suas próprias idéias, o que a faria um fim em si, deixando assim de ser meio (eclesiocentrismo). A comunidade dos que crêem deve deixar-se medir pela prédica e a prática de Jesus de Nazaré. Ele é o Senhor da Igreja e é Ele quem determina seu critério de veracidade: quanto mais semelhante for ela com Jesus e sua prática, mais verdadeira será. A Igreja deve, ao mesmo tempo, tornar-se comunidade do seguimento de Jesus Cristo e fazer reconhecer ao mundo quem é realmente o seu Senhor crucificado e ressuscitado para que todos tenham vida.²⁴

24. Cfr H. HÄRING, *Igreja/Eclesiologia*. Em P. EICHER (org.), *Dicionário de conceitos fundamentais de teologia*. São Paulo, Paulus, 1993, p. 377ss.

O fundamento, *a pedra que foi rejeitada pelos construtores*, a pedra fundamental da Igreja não são o culto, as leis, a organização, os cargos e serviços específicos, mas tão somente e exclusivamente Jesus Cristo (Igreja de Jesus Cristo). Assim, cristão é alguém para quem Jesus Cristo é decisivo. A Igreja é o espaço da vivência da fé radical em Jesus Cristo, para anunciá-lo ao mundo e ser instrumento de realização da salvação trazida por ele. Assim a missão da Igreja é servir à causa de Jesus Cristo, sobre todos os aspectos; portanto jamais a Igreja deve substituir-se a esta causa. O importante é o motivo pelo qual a Igreja existe (REINO), e não ela mesma. Por causa disto rezamos *credo ecclesiam* e não *credo in ecclesiam* o que significa que a Igreja é derivada e submetida a Cristo e à sua missão.

Enfim, para que a Igreja seja realmente Igreja, Jesus deve permanecer o modelo de tudo, pois o que distingue o agir cristão e suas motivações é Jesus Cristo. Jesus Cristo é a personificação viva e determinante de uma nova atitude (práxis) de vida, de um novo estilo (modelo) de vida. E daí surge o vínculo inevitável entre Jesus e os pobres, relação esta à qual a Igreja deve ser fiel. A comunidade cristã encontra na opção por Cristo, o segredo radical por sua opção pelos pobres: *a opção pelos pobres está toda sobre a jurisdição espiritual da fé em Cristo, é a partir daí que ela se move, como também se julga.*²⁵ Desde o início, a Igreja percebeu que o plano de Deus manifestado em Jesus e sua prática passa pelos pobres, daí a *teologia da eleição dos marginalizados* nos primeiros tempos cristãos.²⁶

25. J. PIXLEY e C. BOFF, *Opção pelos pobres*. Petrópolis, Vozes, 1986, p. 147.

26. E. HORNAERT, *A memória do Povo cristão*. Petrópolis, Vozes, 1986, p. 50ss.

3. A IGREJA QUE QUEREMOS SER

3.1. Igreja missionária

Nunca é demais recordar o que diz o Vaticano II: *A Igreja peregrina é, por sua natureza, missionária. Pois ela se origina da missão do Filho e da missão do Espírito Santo, segundo desígnio do Pai.*²⁷ Podemos dizer com acerto que a Igreja é uma comunhão missionária porque todos os batizados são co-responsáveis na missão. Hoje se redescobre a tarefa fundamental da Igreja: ser missionária e estar em contínuo estado de missão. A missão da Igreja é uma só: *evangelizar*.

27. *Ad Gentes*, nº 2. O mesmo documento, no nº 35 vai afirmar: *Toda obra de Igreja é missionária, a obra da evangelização é um dever fundamental do Povo de Deus.*

Quando estudamos os documentos da RA, com facilidade podemos perceber que a característica predominante do projeto de Igreja que queremos ser é uma *Igreja missionária*. Isto vem indicado expressamente pelo primeiro documento que tem como título: *Igreja e missão*, onde se pode ler: *A Igreja se organiza a serviço da missão evangelizadora e somente a missão justifica a existência da Igreja.*²⁸ No documento *Comunhão e organização* lê-se: *Nas respostas ao questionário da Comissão Comunhão e Organização fica claro este desejo de que nossa Igreja seja missionária e desperte constantemente os cristãos e as cristãs para o seu caráter missionário.*²⁹

28. *Documento Final*, nº 87.

29. *Ibidem*, nº 115.

Fica evidente portanto que o eixo do projeto de Igreja que queremos é a missão, ou seja, a Igreja de Campinas deve ser uma Igreja voltada para a evangelização como tarefa permanente, constante. Optando pela missão, sua característica mais marcante, a Igreja de Campinas faz opção por ser uma Igreja dinâmica, e isto terá muitas implicações pastorais, como por exemplo: descentralização na prática pastoral, pastoral de conjunto, respeito à diversidade, eficiência na intercomunicação, criação urgente de

30. Ibidem, nº 93.

31. Ibidem, nº 114: ...escolhemos a imagem da construção para tratar do modelo eclesial que queremos para nossa Arquidiocese.

32. Ibidem, nº 91.

33. Ibidem, nº 116. A RA mostra que a Igreja de Campinas está voltada para a realidade a ser evangelizada: a grande massa de pobres e miseráveis do Continente e em sintonia com o que a Igreja da América Latina tem de mais original: Queremos que a Igreja da América Latina seja evangelizadora e solidária com os pobres. Conclusões de Medellín, 14, 8.

34. Ibidem, nº 112.

Polos Missionários, enfim, tudo aquilo que no documento final da RA aparece sob o título de *Propostas para tornar nossa Arquidiocese mais missionária*.³⁰ Uma vez que fez opção por estar em permanente estado de missão, como toda Igreja deve estar, pois, é uma Igreja que tomou consciência de estar sempre em construção, como a vê o Documento Final, haverá muito trabalho.³¹

Se a orientação geral é ser uma Igreja missionária, torna-se necessário perguntar em que sentido deve caminhar essa missão? A escolha, conforme o Documento da RA, vai cair sobre uma Evangelização libertadora, voltada para os pobres: *Inculturando a fé e empenhando os cristãos na construção de uma sociedade justa e fraterna, baseada no diálogo, esta missão se defronta com dois eixos fundamentais: o pobre e o outro*.³²

Desta forma fica claro que a **missão** imprimirá o dinamismo e o **pobre/outra** imprimirá a direção da Igreja que queremos ser em Campinas. *Nota-se uma tensão na compreensão desta missionariedade, mas as indicações mostram que os pobres são os primeiros destinatários da evangelização e também seu sujeito privilegiado*.³³ Enfim, o objetivo geral da Igreja de Campinas afirma que a evangelização se faz à luz da evangélica opção pelos pobres.³⁴

3.2. A Igreja que queremos *ad intra*

Das dez características enumeradas pelo documento *Comunhão e organização* para delinear o perfil da Igreja que queremos ser, já se contemplou a primeira e mais importante: *uma Igreja missionária*. Característica essa que focalizou todos os trabalhos da RA que aliás começaram por elaborar o documento *Igreja e Missão*. As outras nove características dizem respeito ou à vida interna da Igreja (*ad intra*) ou à sua atuação no mundo (*ad extra*).

a. Uma Igreja participativa

Os leigos querem participar nas decisões da Igreja.³⁵ A própria RA foi um momento de participação querido por todos na linha de compreensão da Igreja como *Povo de Deus*, e aqui a RA apela para um dos temas centrais de Puebla: comunhão e participação.³⁶ Também no *Plano de Pastoral Orgânica* da Arquidiocese aparece a *dimensão* (da ação pastoral) *comunitária e participativa* em primeiro lugar.

A questão da participação dos leigos em todos os âmbitos da Igreja é vital para o desenvolvimento da *Igreja que queremos ser* e, em grande parte, o futuro da evangelização vai depender de se levar a sério esta opção. O *Documento de Santo Domingo*

35. Ibidem, nº 117.

36. O *Documento Final* da RA cita o Código de Direito Canônico, c. 208: entre todos os fiéis vigora verdadeira igualdade... mas a fundamentação da comunhão e participação de todos é feita com argumentos da *Lumen Gentium* nº 9-11 e ainda o nº 37 que recomenda aos pastores a promoção da dignidade e responsabilidade dos leigos na Igreja. Cfr também Puebla, nº 211-219.

fala do protagonismo dos leigos, porém, na prática, ainda estamos na fase em que os leigos já podem dar suas opiniões mas não podem ainda influenciar nas decisões. São muitos os obstáculos: de um lado o clericalismo e de outro a falta de formação, fruto de uma evangelização deficiente e alienante. Daí a necessidade de se colocar em primeiro lugar o projeto pastoral da formação de agentes.³⁷ O P. Comblin, com a Igreja, chega a propor mesmo a liberdade dos leigos para criarem associações no interior da Igreja: *...sem essa legítima liberdade de associação, os leigos não serão protagonistas da evangelização. Leigos isolados não tomam iniciativa.*³⁸ Como acredita o direito canônico (c. 298)

Enfim, a RA quer uma Igreja onde os leigos não sejam meros espectadores da ação pastoral, dependentes em tudo do clero, como no período pós-tridentino.

b) Uma Igreja ministerial

Há um clamor forte para que os cristãos leigos, homens e mulheres, assumam, de fato, os mais diversos serviços na Igreja.³⁹ Desde muitos anos vem se delineando nos diversos projetos pastorais da Arquidiocese de Campinas esta aspiração de uma Igreja toda ela ministerial e muito já se caminhou nesse sentido. O importante seria fazer com que toda a Igreja percebesse que a ministerialidade do leigo não existe como suplência da carência de vocações sacerdotais. O que ocorre é que a carência de vocações sacerdotais teve a faculdade de permitir o aparecimento de uma face ocultada da Igreja, a Igreja toda ela ministerial como nos primeiros séculos.⁴⁰ O desafio do mundo urbano e das cidades gigantes, somente poderá ser enfrentado no que diz respeito a uma evangelização inculturada, quando os leigos assumirem os ministérios de fato, no interior e no exterior da Igreja. Uma Igreja ministerial inclui certamente o ministério da capitalidade: o papa, os bispos, os presbíteros. Em nada altera o velho lema: *cum Petro et sub Petro.*

c) Igreja repleta de comunidades de base

As CEBs estiveram presentes no horizonte pastoral da Igreja de Campinas especialmente desde 1975 quando aparece como a primeira prioridade. Hoje ainda é um dos principais objetivos do que queremos ser. A RA quer uma grande rede de pequenas comunidades e faz referência à Igreja doméstica, comunidade do lar, como meio de ser Igreja em todos os segmentos de nossa realidade eclesial, principalmente *na vida sofrida dos pobres*. Porém, é de se notar que o *Documento Final* embora priorize as CEBs como as conhecemos na nossa reali-

37. Cfr 4º Plano de Pastoral Orgânica (1992-1994), p. 23: nos projetos comuns vem explicitado Missão e Formação.

38. J. COMBLIN, *Direito de associação na Igreja*. Em REB 53 (1993-set) n. 211, p. 535. O autor se fundamenta ainda no Código de Direito Canônico, c. 298-329 e em documentos da CNBB. Cita ainda o Vaticano II (*Presbyterorum ordinis*, nº 9) que recomenda deixar liberdade de ação aos leigos no apostolado.

39. *Documento Final*, nº 124.

40. A. PARRA, *Os ministérios na Igreja dos pobres*. Petrópolis, Vozes, 1991.

41. *Documento Final*, nº 128.

dade, abrem a possibilidade para a validade da formação de *pequenos grupos de vivência cristã nos centros urbanos que se reúnam com frequência para crescerem no espírito evangélico e na ação missionária da Igreja*.⁴¹ Sem dúvidas se deve destacar o quanto a Igreja de Campinas cresceu com as CEBs que no dizer do Documento Final vão nos ensinando um novo modo de ser Igreja, semelhante ao das comunidades primitivas.

Isso se fará forjando uma Igreja onde a fé e a vida estão unidas no testemunho da Igreja ao mundo. O futuro da Igreja passa pela disseminação de grupos de vivência cristã fortemente arraigados no Evangelho que unam fé e vida e que se voltem para os pobres e excluídos como ponto de referência cristológica (Mt 25) para todo seu agir.⁴²

42. Cada vez que a Igreja se afasta das casas particulares, que os templos públicos esvaziam os templos que são as casas, a Igreja torna-se artificial, formalista, vazia de conteúdo real. J. COMBLIN, *O Espírito Santo e a libertação*. Petrópolis, Vozes, 1988, p. 123.

d) Comunhão de diferentes

Característica essencial para se conseguir as qualidades acima descritas, é a última enumerada no documento: *Tendo como horizonte a Trindade, comunhão de diferentes, nossa Igreja deve respeitar as diferenças e acatar a diversidade... saber respeitar as diversidades eclesiais que existem... sem perder o compromisso comum com os pobres e suas causas de libertação; com todos os que sofrem e com a transformação da realidade*⁴³ É de se notar que este objetivo se consegue à medida em que as pessoas avançam num processo de conversão pessoal que favoreça a maturidade da comunidade. Isto vai depender também de uma evangelização mais consistente que consiga aglutinar ao redor do *Reino de Deus* os objetivos últimos da ação pastoral.

43. *Documento Final*, nº 133-134.

e) Igreja alicerçada na Palavra e na Eucaristia

Enfim, a característica que deveria talvez estar em primeiro lugar, mas que também por último lugar expressa o rumo e a meta a que se quer chegar: uma Igreja *alicerçada na Palavra e na Eucaristia*.⁴⁴ Bíblia e liturgia são dois fatores constitutivos da Igreja. Sem Palavra e sem Eucaristia não pode haver Igreja. A tendência, na seqüência da mentalidade do "Cristo sim, Igreja não" é privilegiar a Palavra e esquecer a Liturgia, a celebração da vida de fé. A Igreja é o Povo de Deus reunido para ouvir a Palavra, mas também para celebrá-la na vida, por isso chamamos a Igreja de Povo Santo de Deus.

44. *Ibidem*, nº 120-121.

3.3. A Igreja que queremos "ad extra"

As outras características enumeradas pelo *Documento Final* estão mais na linha de explicitar a missionariedade da Igreja que

queremos ser. Se a Igreja de Campinas quer ser uma Igreja em permanente estado de missão, três características sobressaem:

a) Uma Igreja solidária

Solidária com os pobres, sendo ela mesma pobre e solidária com os povos latinoamericanos. A solidariedade poderia ser levantada como uma bandeira da Igreja de Campinas⁴⁵ pois na realidade sócio-econômica-política em que vivemos, somente a solidariedade poderá ser compreendida facilmente como algo genuinamente evangélico. A Igreja de Campinas quer assumir o novo sujeito eclesial: o pobre. Mais ainda, preocupa cada vez mais o grande número de excluídos que estão abaixo da linha de pobreza e que nem sequer participam das CEBs. São os miseráveis, os sofrendores de rua, os aidéticos, etc. É com essa massa crescente de marginalizados pela sociedade do mercado que a Igreja deve mostrar-se solidária, de forma inteligente e organizada e não amadora e sentimental. O *Documento Final* deixa claro que este mutirão de solidariedade deve incluir os setores de classe média sensíveis à questão da justiça e libertação dos oprimidos.

45. Ibidem, nº 122-123, 130-131.

A solidariedade sempre foi e é hoje, mais do que nunca, a forma privilegiada de uma Igreja atestar que está realmente no caminho de Jesus Cristo, radicalmente solidário com a humanidade pecadora (não com o pecado) até entregar a própria vida.

Interessante notar que o *Documento Final* fala de solidariedade aos Povos da América Latina como se nós brasileiros não fôssemos América Latina. Bastaria o que está no item 122-123 como uma breve lembrança de nossa realidade latinoamericana. Ademais a solidariedade deve ser aberta a todos sem restrição ou distinção. Uma Igreja solidária a partir de sua fé em Cristo libertador, é solidária com as *causas do Reino* (que envolvem pessoas, situações, etc.) e não com etnias ou nações.

b) Uma Igreja em diálogo constante com a Sociedade

O *Documento Final* no seu número 129 enumera os vários setores da sociedade com os quais a Igreja deve estar em diálogo. O diálogo supõe uma atitude, em primeiro lugar, de escuta e, em seguida, de compreensão. Se não se escuta, não se compreende; se não se compreende, não se pode entender e nem ajudar. Uma Igreja que quer dialogar com a sociedade moderna que está aí, terá muito que trabalhar, de forma paciente e perseverante para formar uma rede de comunicação na cidade. Quem são os interlocutores de nossa Igreja com a sociedade? Os leigos se sentem autorizados a falar em nome da Igreja? A Igreja que quer dialogar com a sociedade deve perguntar também pelo diálogo dentro dela.

O diálogo supõe uma presença constante da Igreja na vida do povo. Não dá para conversar com ausentes. Jesus é novamente o modelo de diálogo: estava sempre no meio do povo. É de se perguntar se existe facilidade por parte da sociedade, alheia ao ambiente eclesial, de encontrar as lideranças da Igreja ou de entender o que se passa na Igreja. Nossa Igreja, mesmo devendo ser pobre e devendo evangelizar com meios pobres, deveria no mínimo ter uma rádio (pobre) para dialogar com o mundo que está aí. Lembremo-nos que sem as rádios das Igrejas da Amazônia, nem sequer entre elas haveria comunicação e diálogo.

c) *Uma Igreja ecumênica*

Dialogando com o mundo, outra característica nesta linha seria uma Igreja Ecumênica.⁴⁶ O diálogo ecumênico deve estar presente em uma Igreja que quer testemunhar o Reino, sendo missionária e solidária, pois o primeiro testemunho que o mundo espera dos cristãos é a unidade. Cada vez mais se espera dos cristãos que se unam, pois não existem vários Cristos mas um só Senhor, uma só Igreja de Jesus Cristo.

A Igreja de Campinas deve estar atenta para não perder de vista estes propósitos que caracterizamos como “ad extra” pois vivemos atualmente na Igreja o perigo de uma volta à predominância das características “ad intra” como no período anterior ao Vaticano II e à *Gaudium et Spes*.⁴⁷

46. Ibidem, nº 132. Em H. KÜNG, *Projeto de ética mundial. Uma moral ecumênica em vista da sobrevivência humana*. São Paulo, Paulinas, 1992, aparece clara a importância do ecumenismo para a sobrevivência do cristianismo como prosseguimento da missão de Jesus Cristo.

47. Cfr L. BARAUNA, *A Igreja Latinoamericana às vésperas do Concílio*. São Paulo, Paulinas, 1993, p. 150.

48. Quando se diz modelo, quer se dizer “imagem”, quando uma imagem é empregada refletida e criticamente para aprofundar a compreensão de uma realidade, se diz modelo. Assim se usou na *Lumen Gentium* o modelo/imagem de Povo de Deus. Tais imagens/modelos sugerem como é possível a Igreja mudar a sua forma e tamanho sem perder a própria identidade. O negativo do uso de modelos fica por conta de mau uso. Pois qualquer instrumento bom, usado por incompetentes, pode ser um perigo (um carro, por exemplo). Cfr para esta questão: A. DÜLLES, *A Igreja e seus modelos*. São Paulo, Paulinas, 1978

49. *Documento Final*, nº 138-141.

50. Ibidem, nº 141.

4. CONCLUSÃO

A imagem de Igreja ou o modelo⁴⁸ que a Igreja de Campinas traçou é a melhor possível dentro do que ensina a Sagrada Escritura e a mais legítima Tradição:

Característica geral: missionária, no sentido de ser um povo de servidores,⁴⁹

Na sua vivência interna: comunhão e participação

No relacionamento com a sociedade: diálogo e solidariedade

Como o ponto de referência será sempre Jesus Cristo, conferindo com o testemunho evangélico podemos dizer que estamos no caminho correto para o *mutirão de construção de nossa Igreja*.⁵⁰ Cristo é o grande missionário do Pai, em Cristo e por Cristo, Deus dialoga constantemente com a humanidade. Cristo que veio instaurar o Reino que é comunhão e participação (dos homens com Deus e entre si) e sobretudo a solidariedade. Assim o *Tempo da Igreja* é o tempo do Espírito que renova todas as coisas. A Igreja que queremos ser portanto: Igreja solidária com todos na defesa da vida, anunciando o Evangelho com sua força libertadora.

Pedro Carlos Cipolini
Professor de Ecclesiolgia e História da Igreja Antiga
PUCCAMP - Campinas, SP

